

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA PROFESSORA EM SALA DE AULA

Sílvia Maria Costa BARBOSA²⁵
Helena Perpétua de Aguiar FERREIRA²⁶

RESUMO

Este artigo foi elaborado a partir de um trabalho de iniciação da prática docente no curso de Letras – habilitação em Português, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), fruto da disciplina pedagógica Didática Geral. A pesquisa em questão teve como objetivo analisar a prática do professor de ensino de Língua Portuguesa a partir da relação entre professor-aluno-conteúdo. Tal investigação foi realizada em algumas escolas públicas da cidade de Mossoró, tendo 30 horas de observação, entrevista semiestruturada, análise e produção de relatório. A atividade citada proporcionou os primeiros contatos dos alunos com a experiência em sala de aula, o que foi considerado algo extremamente rico e singular, já que até o 4º período eles ainda não tinham realizado nenhuma atividade pedagógica nas escolas do Ensino Básico. Defendemos que essa prática auxilia na formação inicial do futuro professor, pois alia a teoria à prática, buscando a realidade na qual irão trabalhar, bem como desenvolvendo uma reflexão crítica no que diz respeito ao professor de Língua Portuguesa e às competências profissionais adquiridas na vida acadêmica, que possibilitam um fazer em sala de aula, através das relações pessoais e interpessoais. Como sustentáculo teórico, utilizamos estudiosos como: Cunha (1996), Libâneo (2001), Pimenta e Lima (2004), Gatti (1997), Veiga (2004), Vigotski (2001) e tantos outros. Durante o período de observações, os alunos detectaram o quanto a teoria aliada a prática é difícil de acontecer durante as aulas. Podemos perceber que o ato de ensinar, o qual engloba lidar com conteúdos e alunos, não tem sido considerado algo tão fácil para os professores. Apesar de se esforçarem, eles sentem dificuldades em planejar atividades criativas inovadoras que chamem atenção dos alunos e os envolvam. Durante a entrevista, eles culpam os alunos e se eximem de qualquer responsabilidade: “faço tudo que posso para eles aprenderem, mas eles não estão nem aí. Um ou outro se dedica ao estudo”.

PALAVRAS CHAVE: Ensino público; Português; Experiência na formação docente.

²⁵ UERN, Faculdade de Educação – Departamento de Educação, Rua Francisco Holanda, 81, ap 1502, 59631-100, Mossoró, Rio Grande do Norte/RN-Brasil, e-mail: silviacostab@yahoo.com.br.

²⁶ UERN, Faculdade de Educação – Departamento de Educação, Rua Francisco Holanda, 81, ap 1502, 59631-100 Mossoró, Rio Grande do Norte/RN- Brasil, e-mail: helenaaguiar@gmail.com.

DIALOGANDO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL E O SER PROFESSOR

A formação do professor implica o primeiro momento da formação inicial, ou seja, o lócus da instituição superior, onde o aluno deverá se preparar, através das discussões teóricas com os professores, para assumir uma sala de aula, local em que a atividade docente acontece, caracterizando-se como um espaço institucional e de mediação social, tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem.

A formação do professor não está vinculada só ao espaço da faculdade, nem só à escola, mas também às políticas públicas para a educação e ao contexto social, cultural, político e econômico do nosso país. Sabemos que o professor tem um espaço importante, na sala de aula, para desenvolver um trabalho significativo junto aos seus alunos. Discutiremos neste trabalho as atividades do professor no cotidiano da sala de aula e a sua importância no processo de desenvolvimento do aluno.

Para se pesquisar sobre as atividades do professor é necessário levar em consideração sua vivência docente e sua historicidade nos espaços de relações sociais, notadamente, a escola e a sala de aula. Além disso, é relevante perceber suas transformações, já que contribui com o processo de transformação de sujeitos/espaços/objetos com os quais se relaciona. A formação do professor é uma temática que vem ganhando destaque cada vez maior nos estudos e nas pesquisas que vislumbram discussões em torno da atividade, dos saberes, da profissionalização e dos fazeres docentes.

Esse tema tem despertado o interesse de pesquisadores preocupados com a área da educação, principalmente no tocante à formação e à prática pedagógica do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tais estudos, em síntese, objetivam resgatar e demonstrar a importância desse profissional não apenas na escola, mas também na sociedade. Sendo assim, um curso de formação de professores precisa ancorar-se na intensa relação entre a teoria e a prática; preocupar-se com a capacidade de aprender a aprender e com a competência para agir em sala de aula; discutir habilidades de comunicação; bem como saber usar meios de comunicação, tendo em vista proporcionar aos professores e graduandos uma aproximação, reflexão e ampliação de conceitos sobre a realidade educacional.

Assim, pensar um professor que atenda às exigências da sociedade contemporânea é pensar num profissional competente tanto técnico-científico quanto politicamente. Esse profissional deve ser capaz de viabilizar propostas inovadoras,

visando preparar o autor cidadão, ou seja, o ser humano criador do seu espaço, que constrói, que é autor e produtor de sua história, da sua cultura, que luta por uma sociedade justa e humanitária, que sabe conduzir e orientar as potencialidades do desenvolvimento dos sujeitos, sem excluí-los. A esse respeito, Paulo Freire (1997: 33-34) ressalta:

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, cheguem a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de algum desses saberes em relação com o ensino desses conteúdos [...]. Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Para atender aos desafios da contemporaneidade, o professor deve ser um profissional com competências técnico-científicas e políticas, capaz de viabilizar propostas inovadoras, visando preparar o autor-cidadão, ou seja, o ser humano criador do seu espaço, autor e produtor de sua história, da sua cultura, que luta por uma sociedade justa e humanitária.

Discutir a formação como alicerce da prática pedagógica nos remete, inicialmente, ao pensamento de Nóvoa (1999) de que a formação não se elabora por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas tem como fundamento um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de (re)elaboração contínua de uma identidade pessoal.

Nessa mesma linha de pensamento, Fávero (1981 *apud* CANDAU, 1993) destaca:

A formação do educador não se concretiza de uma só vez. É um processo. Não se reproduz apenas no interior de um grupo, nem se faz através de um curso. É o resultado de condições históricas. Faz parte necessária e intrínseca de uma realidade concreta determinada. Realidade esta que não pode ser tomada como alguma coisa pronta, acabada ou que se repete indefinidamente. É uma

realidade que se faz no cotidiano. É um processo e, como tal precisa ser pensado.

Formação como processo, em uma perspectiva ampliada, preocupada com o conhecimento, com a atuação do profissional da educação, com o professor de Letras/Português, exige repensar o papel das agências formadoras, das propostas curriculares. Esse repensar perpassa um olhar nas mudanças que aconteceram e estão acontecendo nos campos social, político, econômico, cultural e chegam de uma forma ou de outra na escola, na formação do professor.

O ponto de partida, como chama atenção Imbernón (2010), é reconhecer essas “mudanças” e abandonar uma concepção de formação docente voltada para a transmissão de conhecimentos acadêmicos, predominante no século XIX. Avançamos no século XX, mas ainda temos presente o centralismo, o individualismo, a transmissão de conhecimento e o fator excludente. Defendemos uma educação inclusiva e democrática.

Ao discutir formação inicial, Imbernón (2010) refere-se à aquisição de um conhecimento profissional básico, de iniciação à profissão. Um conhecimento pedagógico especializado, proporcionado pela formação inicial, que também deve favorecer as suas bases de elaboração. O autor alerta, ainda, para o papel primordial das instituições ou cursos na preparação desse futuro professor, não somente em relação ao conhecimento profissional, mas também a todos os aspectos que envolvem a profissão. Ele reforça sua proposição afirmando que

os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto (IMBERNÓN, 2010: 61).

Observamos que os futuros professores são cobrados para novas tarefas e problemas que emergem da educação durante o século XXI. Além da escola e dos desafios postos pela educação básica, estão sendo solicitados a atuar em outros contextos. Como a formação inicial vem cuidando dessa preparação? Qual conhecimento necessário? Qual proposta pedagógica? Qual currículo?

Cada programa de formação traça um perfil de professor, de forma implícita ou explícita. A Universidade do Rio Grande do Norte, em seus cursos de Licenciatura, tem se sistematizado em um trabalho pedagógico que propõe ao seu aluno sempre a (re)significação, ao longo de seu processo formativo, entre *teoria e prática*. Assim, as metas e finalidades na formação inicial do professor recaem em grandes preocupações, pois envolvem as dimensões de conhecimentos, destrezas, habilidades, competências e atitudes ou disposições.

Compreendemos que uma das questões centrais da formação inicial é delinear o tipo de profissional que se pretende formar, para que contexto e que ensino queremos que esse profissional desenvolva com seus alunados. Portanto, a formação inicial envolve questões de cunho social, político, ideológico, cultural e econômico.

Para Sacristán (*apud* NÓVOA, 1999), essas influências mais gerais inviabilizam a profissão docente em deter a responsabilidade exclusiva sobre a atividade educativa [...]. Esse profissional vive, de acordo com o estudioso, uma profissionalidade dividida, pois “as profissões definem-se pelas suas práticas e por certo monopólio das regras e dos conhecimentos da atividade que realizam” (SACRISTÁN *apud* NÓVOA, 1999: 68).

Um aluno que está cursando uma licenciatura precisa compreender essas práticas, saber quais são os elementos que cercam o seu fazer em sala de aula, a realidade do ensino hoje e como ele tem se dado, como essas atividades educativas acontecem no dia a dia na relação do ser professor, entender que não são “receitas de bolo” prontas, e sim que demandam desse profissional formação técnica, comprometimento público, criatividade, criticidade, flexibilidade e formação contínua.

Ao dialogarmos sobre a compreensão acerca do papel da formação inicial, responsável pelo profissional qualificado que atuará no campo educacional, que, na UERN, está pensada e organizada em função de dar toda a condição ao alunado sobre suas práticas educativas alicerçadas na teoria e prática e de oportunizar a vivência, a observação, a reflexão e, por fim, a atuação, destacamos a disciplina de Didática como um dos momentos primordiais desse processo formativo, uma vez que o professor formador possibilita ao estudante compreender suas futuras práticas, em sala de aula, no seu período de formação.

A DIDÁTICA: CAMINHOS DO FAZER DO PROFESSOR

Todo alunado que se propõe a ser professor, que escolhe como carreira o magistério, independentemente de sua licenciatura, terá como obrigatoriedade cursar a disciplina de Didática, área do conhecimento da ciência pedagógica que tem como objeto de estudo o ensino, focando na prática pedagógica com o objetivo de ensinar métodos e técnicas que possibilitam a aprendizagem do aluno por parte do professor. Consiste em uma disciplina prática, ainda que tenha como base as teorias pedagógicas que analisam os métodos mais convenientes a serem aplicados.

Ao nos aprofundarmos sobre as questões de Didática, por meio de autores como Veiga (2001), Libâneo (2004), Candau (1993), entre outros, notamos que a Didática vai muito além de uma listagem de técnicas de ensino. É um campo de conhecimento que se ocupa do “como ensinar”, mas essa questão está sempre relacionada a outras duas: “para que ensinar?” e “por que ensinar?”.

Nesse sentido, o professor deve ser um profissional que some conhecimentos técnicos, conhecimentos necessários a uma área específica, a um comprometimento público, isto é, se preocupe com os alunos, todos, de forma que eles aprendam, acessem o conhecimento. Ele precisará, então, desenvolver tais habilidades e competências, assim, ser um profissional que necessita desenvolver questões da autonomia pedagógica e profissional. Tais saberes são essenciais.

Quando tratamos do ser professor, estamos tratando dele como profissional, ou seja, segundo Sacristán (1995, p. 69), da “afirmação do que é específico na ação docente, isto é, comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”. A caracterização do ser professor tem se constituído de um conjunto de conhecimentos específicos, das relações, da particularidade do contexto, dentre outros. Compreendermos que o seu fazer pedagógico depende de seu envolvimento em todo o processo, precisando pensar, organizar, escolher, planejar, executar, dentre outras atividades que envolvam as suas práticas (o professor é o ser responsável pelo pensar na educação como um todo).

Entendemos também que o fazer pedagógico do professor, ancorado na reflexão de sua prática, dá a ele condições de estar sempre se reorganizando como sujeito do fazer, permitindo um processo de produção de saberes. Portanto, conforme o pensamento de Schon (2000), cremos que a utilização do conceito “reflexão na ação” propicia ao professor a reformulação de suas ações no decorrer de uma intervenção

profissional e a realização da “reflexão sobre a reflexão-na-ação” possibilita a investigação de sua prática de ensino, levando-o à transformação.

Destacamos a importância do Planejamento para o trabalho do professor, o qual, em todo trabalho que nos propomos a realizar com alunos em processo de formação, aparece como um desafio a ser superado e ser adotado no trabalho pedagógico do professor, de Pedagogia, de Letras, de Matemática, de História etc. Regina Barros Leal, da Universidade de Fortaleza, aponta essa prática como essencial ao trabalho do professor, ressaltando:

O planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação, quer seja em um nível micro, quer seja no nível macro. O processo de planejamento está inserido em vários setores da vida social: planejamento urbano, planejamento econômico, planejamento habitacional, planejamento familiar, entre outros. Do ponto de vista educacional, o planejamento é um ato político-pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade, expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir (p. 1).

Dessa forma, podemos concluir que este é um trabalho coletivo que envolve não somente os aspectos da organização do ambiente, das ações, mas também as intenções que o espaço, a Instituição, deseja e busca concretizar.

Em nossas leituras de Vasconcelos (2006), Padilha (2001), Libâneo (2004), percebemos que o planejar exige incorporar o planejamento na prática diária do professor no processo de ensino-aprendizagem, mas ainda é um desafio em todas as esferas que trabalham e desenvolvem processos educativos, pois abrange uma demanda de habilidades e competências que devem ser trabalhadas no percurso da formação do professor.

Concordamos com Vasconcelos (2006) quando traz que, ao se falar em processo de ensino-aprendizagem, se está abordando algo muito sério, que precisa ser planejado, com qualidade e intencionalidade. Ele pontua planejar como antecipar ações para atingir certos objetivos, que vêm de necessidades criadas por uma determinada realidade, e, sobretudo, agir de acordo com essas ideias antecipadas.

Desse modo, o fazer dos professores está apoiado na produção de um conjunto de ações educativas, de forma individual ou coletiva, que possibilitam a organização de situações de ensino-aprendizagem.

Percebemos, assim, que a didática é um dos principais fundamentos para o professor, pois nesse campo há um conjunto de saberes pedagógicos que são essenciais para o exercício da profissão docente. É preciso que os professores construam pontes entre o significado do conteúdo curricular e aquele compreendido pelo aluno.

Para essa tarefa, é necessário que eles tenham uma compreensão profunda, flexível e aberta do conteúdo, ou seja, que estejam atentos para as dificuldades mais prováveis dos alunos, já que nas escolas fala-se exclusivamente do ensino dos conteúdos e não há uma ampla compreensão do que é educação e do que é aprender.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA UMA ESCOLA PÚBLICA DE MOSSORÓ

Sabemos que todo ser humano nasce com a capacidade de absorver informações, conhecimentos e saberes diversos, assim, com o tempo, a sua capacidade de compreensão vai se aprimorando, dependendo das possibilidades de ampliação através da escola no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, como professoras de Didática Geral, elaboramos uma atividade com o objetivo de analisar a prática de professores de ensino de Língua Portuguesa, a partir da relação entre professor-aluno-conteúdo. Tal investigação realizou-se em algumas escolas públicas da cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte – Brasil, tendo 30 horas de observação, entrevista semiestruturada, análise e produção de relatório.

Sendo assim, nada melhor que o ambiente escolar para proporcionar esse contato geral com o mundo e com a língua oral e escrita. Nesse caso, o professor tem um importante papel, o de mediador, com a função de ensinar. Pensando a esse respeito, iremos estabelecer relações com a teoria de alguns pesquisadores, conforme mencionado acima, e com o que efetivamente se realiza na prática com a atuação do professor, uma vez que em um curso de licenciatura é preciso ter fundamentos do que acontece em sala de aula. Esse contexto cria em nós a capacidade de utilizarmos nossas habilidades didáticas e metodológicas, como a comunicação verbal ou não verbal durante o processo de interação no ensino e aprendizagem, proporcionando assim uma

aproximação da realidade escolar, através das observações do professor de língua portuguesa.

Nosso trabalho teve início em março de 2014, com duração de duas semanas em sala de aula. As observações foram feitas na Escola Estadual do Ensino Fundamental “Paulo Freire” (nome fictício), com a professora Amanda Freire (nome fictício), tendo como turma observada o 9º ano do referido nível desse ensino. Essa escola fica situada na cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte – Brasil. Sua estrutura física é composta por salas: 08 de aula, 01 dos professores, 01 de direção, 01 secretaria, 01 de multimídia (biblioteca e vídeo), 01 laboratório de informática, dois banheiros (funcionários) e dois banheiros (alunos), uma cozinha, um refeitório que funciona em conjunto ao pátio.

A referida escola atende as comunidades de nível socioeconômico baixo residentes nos setores circunvizinhos. No que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, a escola tem melhorado bastante, haja vista a contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UERN, que vem atuando com alunos bolsistas no preparo de atividades criativas e produtivas que despertam o interesse do aluno.

Ao focarmos a criatividade como importante na prática do professor, Karnal (2015) aponta que diz respeito a ultrapassar, não a reduzir. Um exercício criativo de ensino é fazer com que a imaginação e a reflexão de todos possam voar e expandir-se.

Voltando ao texto sem perder de vista: no nosso registro feito durante a observação em sala de aula, levamos em conta, para a elaboração deste trabalho, o desenvolvimento da aula com os conteúdos trabalhados; a relação entre professor e aluno, aluno-aluno e aluno-professor. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no processo de construção de seu conhecimento, cabendo ao professor, como um indivíduo mais experiente, a mediação nesse processo.

Para elaboração deste artigo, realizamos um recorte dos dados e utilizamos um roteiro com as observações feitas em sala e a pesquisa bibliográfica de assuntos abordados em sala de aula. A partir desses dados, apresentaremos criticamente nosso posicionamento em relação à didática da professora colaboradora.

Percebemos que a professora lê constantemente as atividades e, por diversos motivos, apresenta dificuldades para possibilitar nos alunos a capacidade de construir conhecimento junto ao texto, fazendo uma interação autor-texto-leitor.

Pretendemos neste artigo mostrar o que de fato acontece na sala de aula, como são trabalhados os textos através da leitura, como a gramática tem sido trabalhada, como são desenvolvidas as produções textuais.

Como expomos, durante a observação das aulas, foi mais enfatizada a leitura de textos do livro didático. Segundo a professora, “é através dela que podemos analisar aspectos gramaticais e adquirir conteúdo e argumentos para produções textuais”. Por esse motivo, é o que ela mais desenvolve em sua sala de aula. Notamos que o que estava sendo trabalhado em sala de aula, confirmava-se, de fato, com o que foi respondido pela professora, sendo assim, como foi relatado por ela, a leitura tem sido priorizada nas aulas de língua portuguesa e cada vez mais usada como principal metodologia pela professora.

A estrutura física da escola é satisfatória, mas não para o ensino de línguas. Não há acústica nas salas, há barulho dos ventiladores e falta material para ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. No entanto, conta com salas de aula amplas, com mesas e cadeiras apropriadas e possui dois quadros, um de lousa e outro branco dentro de cada sala de aula, como também ventiladores e até ar-condicionado em algumas salas. Quanto ao material necessário para o andamento das aulas, é suficiente e adequado.

A direção da escola procura sempre suprir as necessidades da escola, de acordo com o possível. A ação docente se caracteriza no processo de planejamento do ensino e execução das aulas durante o processo de ensino-aprendizagem. A relação com os alunos é de suma importância para uma ação docente bem-sucedida, uma vez que a base de um bom ensino começa por uma ação docente bem planejada. Pelo fato de ainda não ser professora e, dessa forma, não ter exercido o magistério, a ação planejada dessa atividade permitiu uma reflexão como futura docente bem como adquirir conhecimentos com quem já exercia o magistério – a professora da sala.

Não podemos caracterizar essa atividade como estágio, mas podemos afirmar que foi um ensaio, por oportunizar uma reflexão mais ampla do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, Pimenta e Lima (2004: 103) enfatizam: “O estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente.” Com isso, os pesquisadores advertem-nos a respeito da importância do estágio para o graduando, pois oferece esse momento de aprendizagem com quem já exerce a profissão. Vale ressaltar

que a atividade não pode ser caracterizada como estágio, mas possibilitou pensar a vivência da sala de aula e cotidiano e a relação teoria e prática.

O estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (Lei 11.788/Art. 1º, 2008, p. 7).

Durante a observação da primeira aula da turma em que a professora passou o filme *Up – altas aventuras*, ela chamava a atenção dos alunos para algumas cenas, falando dos valores que o filme abordava.

Tal atividade não atraiu a atenção de muitos alunos, já que eles entravam e saíam da sala de vídeo o tempo todo, sem demonstrar interesse algum pelo filme. Ficou evidente que o foco principal dessa prática foi trabalhar a pronúncia e a escuta das palavras, ou seja, fazer com que o aluno reconhecesse e aprendesse sua pronúncia e seu significado nas demais situações da língua estudada em sala de aula. Essa prática tem se mostrado riquíssima, uma vez que possibilita ao aluno compreender mais sobre outra cultura e alia a prática à teoria. Infelizmente, o filme não despertou interesse da maioria dos alunos, e a professora se expressou assim: “procurou passar um filme para ver se eles prestam atenção, mas é difícil”. Tal fala mostra a preocupação e o interesse da professora em realizar atividades que rompam com o tradicionalismo. No entanto, nem sempre ela trabalha criativamente, como veremos abaixo.

Em uma das aulas observadas, a professora escreveu no quadro um texto como também uma tarefa para os alunos. A metodologia adotada em sala de aula não despertou a atenção, tendo em vista que atividades assim se tornam extremamente cansativas para uma sala de aula com 32 alunos que apresentam não ter interesse pela Língua Portuguesa. Esse método não se mostrou atraente para os alunos, pois se realizam apenas práticas de escrita mecânicas, nas quais o aluno não tem liberdade para pronunciar e ganhar habilidades de comunicação na língua materna.

A forma como são trabalhados os textos na escola pública observada não motiva o educando a aprender, nem mesmo desperta o interesse para o entendimento dos textos escolhidos, já que são de uma realidade distinta do aluno, que não consegue extrair do texto os elementos necessários para uma compreensão e, porque não, uma empatia com o conteúdo. É necessário que haja interação entre aluno e professor para que se possa

ter um compartilhamento de conhecimentos adquiridos, bem como mostrar a cultura da língua estudada em sala de aula, pois, para o aluno, é difícil aprender uma língua na qual não se reconhece ou que não conhece o país de origem da língua e sua cultura.

Devido às festas carnavalescas, ocorridas em fevereiro, a professora realizou uma atividade em que enfeitou a sala de aula com bandeirinhas e outros artefatos objetivando fazer uma confraternização de boas-vindas ao ano letivo e aluno, trazendo de casa uma sobremesa para os alunos. Consideramos importante que o professor tenha esse tipo de contato com os estudantes, na medida em que nessas ocasiões ele pode se aproximar mais do aluno e vice-versa. Conhecer o aluno, em um momento de interação com a turma, é algo muito bom para um educador, por proporcionar um ambiente de harmonia e aprendizagem em que os alunos podem se ver uns nos outros, havendo um momento de descontração. Nessa perspectiva, a respeito da questão do posicionamento do professor, Freire (1997) já defendia que a educação é prática política.

Com esse acontecimento, percebemos que a professora observada possui um bom relacionamento com os alunos e os alunos entre si também. Em um determinado momento, perguntamos a uma aluna o que ela achava das aulas ou como deveria ser, em sua opinião, ao que ela respondeu que gostava de português e da professora, mas reclamou do fato de copiar muitos textos em sala. Durante a observação, notamos que essa atividade sempre está presente e que a professora a utiliza como recurso para manter o aluno ocupado e quieto. Portanto, essa atividade pode evidenciar as dificuldades encontradas pelo professor de Língua Portuguesa no planejamento das atividades para o aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com Gatti (1997), quando traz que um grande desafio da Formação Inicial encontra-se em preparar o profissional de educação em professor, aquele que está em sala de aula, lidando com o ensino-aprendizagem, com o currículo escolar, com os conteúdos, com as metodologias, como o conhecimento, com as relações entre alunos e professor. Na atualidade, falta um repertório entre a teoria e a prática para a área de trabalho desse professor, tornando-se, assim, um profissional frágil diante da sua própria profissão.

A disciplina de Didática, campo do conhecimento que trata a respeito de como ensinar, para que ensinar e como fazer nesse sentido, é essencial como momento da teoria-prática do alunado. Assim, proporciona a reflexão do fazer pedagógico e os coloca de frente à atuação do ser professor.

Através da observação nas 30 horas/aulas e discussões com nossa turma na Faculdade de Letras/UERN que também compartilhava as suas experiências de observação, pudemos avaliar a importância de ser professor, construindo a possibilidade de relacionar as diversas áreas de conhecimentos, bem como as contribuições para a prática profissional. Com a experiência dessa atividade da disciplina de Didática Geral, pudemos mesclar a teoria com prática, ao mesmo tempo que adotamos uma postura de reflexão sobre as práticas no ensino de Língua Portuguesa. O aprendizado foi bastante significativo, pois, ao concluir essa atividade com os alunos do referido curso, fica a sensação de missão cumprida, ou seja, o sentimento de realização quanto à questão da prática envolvendo todo o conhecimento acadêmico adquirido em sala.

No decorrer das observações dessa atividade, aprendemos um pouco sobre as dificuldades que o professor de português precisa vencer para atingir seus objetivos e repensar todo o tempo acerca das práticas de ensino para construir o aprendizado dos alunos. Já sabemos que, muito mais do que uma simples aula de regras gramaticais, é preciso aulas que possam incentivar o aluno a estudar, produzir, criar, ou seja, desenvolver atividades ricas, à medida que abrem espaço para que o educando possa construir e reconstruir sua carga cultural, linguística e social.

Acreditamos que essa atividade contribuiu para que nos mantivéssemos firmes em nossos propósitos de ensinar português, tendo em vista que possibilitou uma reflexão sobre nossas ações enquanto professores de Didática Geral no curso de Letras. A percepção adquirida ao longo da atividade mostrou-nos a importância de se trabalhar o plano de aula como estratégia que possibilite ao professor estar sempre pronto para qualquer imprevisto do dia a dia.

Nesse contexto, o grande desafio é realizar atividades que despertem no aluno o gosto pelo estudo. Afinal, esse é o grande desafio que se coloca para o professor formado na área. Portanto, faz-se necessário sempre refletir e reavaliar as práticas adotadas em sala de aula no ensino de Língua Portuguesa, até mesmo pelo fato de que cada turma é única.

O aprendizado do educador é permanente e se realiza através do ato educativo, mas este não pode ser dissociado de uma prática, elemento essencial no processo de

conscientização, tanto do educador quanto do educando, em uma constante relação dialética, na qual a prática alimenta a teoria e vice-versa (FREIRE, 1997). Esse processo ocorre a partir dos elementos culturais mediados pelos sentidos e significados internalizados pelos sujeitos (VIGOTSKI, 2001).

A grande expansão da rede pública de ensino em um curto espaço de tempo e, conseqüentemente, a necessidade da ampliação do quadro de professores para atender a essa demanda fizeram com que não se lograsse uma formação fundamentada em estudos e avaliações que provesse um ensino com profissionais que possuam qualificação adequada (GATTI, 1997).

A partir dessa preocupação, começamos a compreender que não devemos homogeneizar as dificuldades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, sendo esse um processo complexo, dialético. Tal processo exige que o professor seja um sujeito autônomo que precisa aprender a se autorizar, ser autor do seu próprio fazer pedagógico, e não um mero reprodutor de propostas implantadas de cima para baixo, sem uma visão sobre o entrelaçamento dos problemas advindos da sociedade, da educação e da formação do educador, sobretudo em face do pensamento da complexidade, em uma perspectiva de superação do pensamento positivista.

Ficou evidente o quanto essa atividade foi importante para que o aluno de Letras tivesse esse primeiro contato com a escola, com a sala de aula e, conseqüentemente, com o professor.

Somos conscientes da complexidade que envolve essa preparação para o exercício da docência. Portanto, uma proposta curricular de formação que pretenda contemplar grande parte das exigências postas à educação básica deverá desenvolver um olhar apurado e sensível do professor para os processos educativos. Assim, ser um profissional que compreenda a necessidade de cada sujeito envolvido na aprendizagem, que planeje suas ações fundamentadas em uma prática reflexiva, que organize planos e estratégias de trabalho, que fomente projetos, que saiba mediar conhecimentos diversos etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Candau, Vera Maria (Org.). 1993. *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis: Vozes.
Freire, P. 1997. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Coleção Leitura).

Gatti, B. A. 1997. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. Campinas: Autores Associados.

Imbernón, F. 2010. *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed.

Leal, Regina Barros. *Planejamento de ensino: peculiaridades significativas*. Disponível: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1106Barros.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

Karnal, Leandro. 2015. *Conversas com um jovem professor*. 1. ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto.

Libâneo, José Carlos. 2001. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 4. ed. Goiânia: Alternativa.

Nóvoa, António (Org.). 1999. *Profissão professor*. Porto: Porto.

Padilha, R. P. 2001. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.

Pimenta, Selma Garrido; Lima, Maria S. Lucena. 2004. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez.

Sacristán, J. 1995. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (Org.). *Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto. p. 63-92. (Coleção Ciências da Educação).

Schon, D. A. 2000. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed.

Vasconcelos, Celso dos Santos. 2006. *Planejamento: projeto de Ensino-Aprendizagem e projeto Político-Pedagógico: elementos metodológicos para elaboração e realização*. 16. ed. São Paulo: Libertad. (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 1).

Veiga, Ilma Passos. 2004. *Projeto Político-Pedagógico: uma construção possível*. 17. ed. São Paulo: Papirus.

Vigotski, Lev. 2001. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

